

O APOIO FAMILIAR DURANTE A ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES

Autores: Luna Emerick Landi, Maria Angélica Gomes Maia.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, luna.emerick@gmail.com, mamaia@univap.br.

Resumo

Este artigo busca analisar as contribuições e desafios do apoio familiar no processo de alfabetização das crianças do Pré II da Educação Infantil, durante o desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Fundamentada em autores como Emília Ferreiro, Paulo Freire e Lev Vygotsky, a pesquisa teve abordagem qualitativa e metodologia de pesquisa-ação, desenvolvida em uma escola municipal de Educação Infantil. Os resultados destacam que a participação da família no processo de alfabetização inicial favorece a motivação e a inserção da criança em práticas sociais de leitura e escrita. Contudo, foram identificados obstáculos, como a desigualdade social, baixa escolaridade de alguns responsáveis, a dificuldade de comunicação entre escola e família e falta de apoio familiar em estudos e frequência escolar. Conclui-se que a parceria entre escola, família e universidade, mediada pelo PIBID, favorece a formação integral da criança.

Palavras-chave: Apoio Familiar. Educação Infantil. PIBID. Alfabetização.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Educação.

Introdução

A alfabetização, como colocado por Soares (2003), é um dos marcos mais importantes na vida escolar de uma criança, representando não somente o aprendizado da escrita e leitura, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais essenciais para o desenvolvimento integral. Ferreiro e Teberosky (1999) destacam que a Educação Infantil representa a primeira etapa da Educação Básica e constitui espaço privilegiado para o desenvolvimento das linguagens, interações e da construção de hipóteses iniciais sobre a leitura e escrita. No Pré II, crianças de cinco e seis anos estão em contato com práticas sociais que favorecem a alfabetização, como a experimentação de registros escritos, escuta de histórias e produção de desenhos guiados ou não, em consonância com a concepção socioconstrutivista de aprendizagem apontada, entre outros autores, por Vigotsky (1989) e por Rosa e Goi (2024).

Nesse processo, Szymanski (2003) destaca a escola e os educadores possuem papel central, sendo responsáveis por estruturar e mediar o ensino, enquanto a família, como primeira instância de socialização, atua como parceria essencial no incentivo, suporte emocional e apoio que favorecem o aprendizado. O ambiente familiar pode potencializar ou dificultar o desenvolvimento da criança, principalmente nos primeiros anos de escolarização, quando se formam as bases do letramento, assim como exposto por Piaget (2007).

Este artigo apresenta um estudo de caso realizado com crianças em processo de alfabetização em uma escola pública, buscando analisar como o apoio familiar pode influenciar o desempenho e o engajamento escolar. A pesquisa investiga as estratégias utilizadas pelas famílias, as percepções dos professores e os desafios enfrentados nessa relação e, para tanto contemplam-se as contribuições de Freire e Macedo (1990) e Messias e Lotumolo (2020). Sendo assim, a pesquisa contribui para reflexões acerca da importância de um trabalho colaborativo entre todos os envolvidos no desenvolvimento da criança.

Metodologia

A pesquisa foi elaborada sob a abordagem da pesquisa-ação, entendida, segundo Tripp (2005), como um processo, sistemático e empiricamente fundamentado de aprimorar a prática, articulando

teoria e prática no cotidiano escolar. Essa metodologia foi adequada ao estudo, pois permitiu integrar o planejamento e execução de atividades pedagógicas, favorecendo a construção de um currículo contextualizado.

O campo de estudo prático foi a Escola Municipal de Educação Infantil Ângela de Catro, localizada no bairro Parque Industrial, em São José dos Campos/SP, atendendo turmas de Pré II, com crianças de cinco e seis anos de idade. As ações foram contextualizadas pelo PIBID, sob orientação das professoras regentes e em diálogo com a equipe pedagógica, fundamentando-se nas teorias de Vygotsky, Paulo Freire e nas pesquisas de Emilia Ferreiro, que destacam as hipóteses de escrita.

A pesquisa-ação iniciou-se pela identificação das crianças que iriam fazer parte do projeto de alfabetização ofertado pela bolsista PIBID. A professora regente destacou crianças que apresentavam maiores dificuldades na escrita, no envolvimento durante as aulas e na frequência escolar, sendo elas as escolhas para o projeto. A partir disso, o grupo foi dividido por dias da semana, sendo dois com duas horas e meia de aplicação, para que todos fossem atendidos integralmente. Essa decisão permitiu respeitar a singularidade das dificuldades e potencializar a participação ativa dos estudantes no processo.

O procedimento seguiu as etapas da pesquisa-ação: (1) diagnóstico inicial, rodas de conversa, sondagens e observações em sala para identificar as práticas de escrita e o envolvimento familiar; (2) planejamento das atividades, considerando as dificuldades expostas, foi elaborado atividades interdisciplinares, como contação de história, leitura de imagens e jogos de consciência fonológica; (3) execução, realização das atividades pedagógicas em sala, integrando diferentes tipos de aprendizagem (visual, auditivo, escrita, leitura e social); (4) registro e análise, por meio de anotações de campo, fotografias e coleta de produções infantis; (5) reflexão e replanejamento, considerando as análises das atividades, discussões entre professora e coordenadora do PIBID.

A abordagem foi qualitativa e participante, analisando os impactos das experiências propostas pelas crianças. Godoy (1995, p. 21), evidencia que a pesquisa qualitativa ocupa um lugar de destaque entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. As estratégias de coleta de dados envolveram observação sistemática, registros das atividades por meio de fotos e escrita, análise das produções e observação do apoio familiar de cada criança.

Dessa forma, a pesquisa-ação, ao envolver teoria e prática, ofertou não somente a análise da aplicação do projeto de alfabetização, mas também aprendizagens significantes para o docente como pesquisador de sua própria ação.

Resultados

A experiência realizada no âmbito do PIBID demonstrou que o apoio familiar exerce impacto direto na alfabetização das crianças, negativamente e positivamente. Em casos no quais houve maior participação da família, notou-se que as crianças apresentaram avanços relevantes no reconhecimento de letras, no interesse pela leitura e no interesse de aprender a escrever. Esse envolvimento se fez em práticas simples, como leitura de histórias em casa, auxílio em atividades levadas da escola e valorização dos pequenos avanços das crianças. Tais iniciativas reforçaram a ligação entre escola e casa, criando um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da linguagem escrita. Piaget (2007) diz que a relação família, professores e escola é de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, para o educador e a escola a função é de mediar e ampliar o conhecimento, já para os pais auxiliarem no processo de conhecimento do educando.

No entanto, um dos maiores desafios encontrados foi a irregularidade na frequência escolar. Faltas recorrentes e atrasos frequentes comprometeram o envolvimento de algumas crianças nas atividades e no acompanhamento das didáticas propostas. Esse fator resultou em dificuldades para acompanhar o ritmo da turma, além de gerar desmotivação em certos momentos. A assiduidade, nesse sentido, mostrou-se fundamental para garantir a progressão no processo de alfabetização, uma vez que cada atividade realizada em sala se articula a etapas anteriores.

Outro aspecto observado foi a ausência de apoio em estudos de casa. A escola municipal não envia tarefas, porém, há um livro de atividades que é enviado para os pais reforçarem os estudos com as crianças. Diversos pais não acompanharam os filhos nas propostas de leitura ou registro, prejudicando a continuidade do processo iniciado em sala. Isso fez com que algumas crianças demonstrassem maior

difficuldade em consolidar aprendizagens, evidenciando a importância do engajamento familiar como fator de fortalecimento da alfabetização.

Apesar desses desafios, o projeto também evidenciou avanços importantes no campo da motivação. Mesmo em contextos de maior dificuldade, a presença da bolsista do PIBID e o diálogo constante com a professora regente criaram oportunidades de reforço pedagógico e de valorização dos pequenos progressos alcançados pelas crianças. Isso possibilitou que, em muitos casos, as lacunas decorrentes da ausência de apoio familiar fossem parcialmente compensadas por ações pedagógicas mais intencionais, reforçando a relevância do PIBID como espaço de formação docente e como instrumento de fortalecimento da parceria escola-família.

Discussão

O processo de alfabetização não pode ser compreendido de forma restrita à escola, uma vez que a criança aprende em diversos contextos e por meio de múltiplas interações. A família constitui o primeiro espaço de socialização e, portanto, exerce papel indispensável na introdução da criança na aprendizagem da linguagem oral e escrita. Nesse ponto, Freire (1989) é fundamental ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, quando a criança vivencia práticas de diálogo, narrativas familiares e experiências cotidianas de uso da linguagem, sua aprendizagem escolar se fortalece. A ausência de apoio em casa, portanto, não é apenas a falta de acompanhamento em atividades, mas a perda de oportunidades de construção de sentidos sociais para a escrita.

Sendo assim, quando a família valoriza a leitura e demonstra interesse pelas produções infantis, cria condições favoráveis para a construção da consciência fonológica e para o desenvolvimento de hipóteses sobre a escrita. Ferreiro e Teberosky (1999) demonstraram que a criança não aprende a ler e escrever apenas pela memorização do alfabeto, mas por meio de interações significativas com a língua escrita. O ambiente familiar, portanto, pode funcionar como um espaço de letramento que amplia as práticas escolares, fortalecendo o vínculo entre teoria e experiência.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que a baixa participação das famílias e a irregularidade de frequência escolar não podem ser vistas apenas como falhas individuais. As práticas de alfabetização estão ligadas às condições sociais, culturais e econômicas em que as crianças vivem. Muitas vezes, a ausência de apoio em casa decorre da baixa escolaridade dos responsáveis ou da sobrecarga de trabalho que impossibilita o acompanhamento. Em conformidade com isso, enquanto algumas crianças convivem desde cedo com livros e estímulos de leitura, outras têm acesso restrito a esses materiais, o que gera desigualdades importantes no início da alfabetização. É nesse ponto que a escola precisa assumir postura acolhedora, compreendendo as limitações das famílias e criando estratégias para incluir e apoiar aqueles que, por diferentes razões, não conseguem oferecer suporte aos filhos.

As faltas e atrasos recorrentes, outro desafio identificado, também precisam ser compreendidos para além do aspecto prático. Vygotsky (1989) defende que o aprendizado se dá pela interação social, dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), quando permitem que a criança avance para além daquilo que conseguiria sozinha. A criança que não participa constantemente desses momentos coletivos perde não apenas o conteúdo, mas principalmente o contato com pares e adultos mais experientes que funcionam como mediadores de seu aprendizado. Em termos práticos, a irregularidade de frequência aprofunda desigualdades, pois cria rupturas na sequência das atividades e fragiliza a participação nas experiências coletivas, essenciais no Pré II.

É nesse cenário que a contribuição do PIBID ganha relevância. O programa não se limitou a propor atividades, mas buscou construir pontes entre universidade, escola e famílias, os bolsistas exerceram uma prática de Freire de escuta e partilha de saberes. Essa mediação também foi formativa para os futuros docentes, pois possibilitou compreender a alfabetização em sua complexidade: não apenas como ensino do código escrito, mas como um processo social, cultural e político. Nesse sentido, o PIBID cumpriu papel de resistência às desigualdades e de fortalecimento de uma prática pedagógica mais inclusiva e emancipatória.

Conclusão

A análise da experiência no âmbito do PIBID evidenciou que o apoio familiar desempenha papel central no processo de alfabetização das crianças do Pré II, favorecendo a motivação, a construção de hipóteses sobre a escrita e a inserção em práticas sociais de leitura. Quando presente, esse apoio

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

fortalece os vínculos afetivos e amplia as oportunidades de aprendizagem para além da escola. Contudo, a ausência de participação em atividades de casa revelou-se um dos maiores desafios, comprometendo a consolidação dos avanços obtidos em sala de aula e ampliando as desigualdades entre os alunos.

Faltas e atrasos prejudicaram a continuidade das sequências didáticas e dificultaram a participação plena das crianças nas práticas coletivas. Esse dado reafirma que a alfabetização não ocorre de maneira fragmentada, mas depende da constância, da presença e da interação, tanto no espaço escolar quanto nas experiências familiares.

Conclui-se, portanto, que o apoio familiar, a frequência escolar regular e o trabalho colaborativo entre todos os agentes educativos são pilares indispensáveis para a alfabetização na Educação Infantil. O PIBID, ao proporcionar experiências formativas no chão da escola, mostrou-se uma ferramenta estratégica para fortalecer esse processo, aproximando teoria e prática e contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora.

Referências

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999

CASTRO, L. S.; SANTOS, R. S.; SILVA CRUZ, A. H. da. Educação e teorias da aprendizagem: um foco na teoria de Vygotsky. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, nº 1, p. 551-559, 2013.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>

MELO, Talícia Calais Vaz de. **Estudo sobre o desempenho escolar a partir dos aspectos evidenciados na relação família e escola**. 2018. 106 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

MESSIAS, Maria Vania; LOTUMOLO, Thais Elena. A experiência de um grupo de estudos: contribuições do pensamento de Paulo Freire para o fortalecimento do cotidiano pedagógico numa escola de educação infantil. **Revista Educação Básica Em Foco**, 2021.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007

ROSA, Ana Paula Marques da; GOI, Mara Elisângela Jappe. Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky: aprendizagem por meio das relações e interações sociais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 de março de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/10/teoria-socioconstrutivista-de-lev-vygotsky-aprendizagem-por-meio-das-relacoes-e-interacoes-sociais>

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SZYMANSKI, H. **A relação escola/família: desafios e perspectivas**. Brasília, DF, Plano Editora, 2003.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e pesquisa, v. 31, p. 443-466, 2005.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.